

Desvendando Alice: uma análise psicanalítica do País das Maravilhas

Unraveling Alice: a psychoanalytic analysis of the Wonderland

Flávia Cristina Martins de Oliveira¹

RESUMO: Este artigo surgiu das inquietações da autora durante a leitura da história Alice no País das Maravilhas. Lewis Carroll, ao apresentar o mundo onírico de Alice, convida o leitor a entrar no mais íntimo dela, e assim mergulhar no sonho dessa menina curiosa, valente e determinada. Com o aprofundamento das bases psicanalíticas por parte da autora, surgiu a oportunidade de analisar essa obra à luz da teoria freudiana. Freud, com sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, consegue provar a existência do inconsciente. Com isso, ele prova que existe mais no sujeito do que somente a parte consciente. Tudo o que é vivido, experienciado, afeta o sujeito psicicamente, estando ele sempre em constante construção. Acordados, os sujeitos usam o ego e o superego para realizar suas funções diárias. Ao dormir, sonha para liberar o id, aliviando as pressões e dando vazão ao inconsciente. Durante a análise da obra, Alice em suas aventuras oníricas, vê-se perdida em um mundo estranho e que se esforça para compreender. Ao longo da história ela vai se fortalecendo, posicionando-se em relação ao que quer fazer e dizer. Percebe-se uma consolidação de sua estrutura psíquica ao se deparar com os outros personagens. É no encontro com seu inconsciente que ela se torna decidida e valente.

Palavras-chave: literatura; Alice no País das Maravilhas; psicanálise.

ABSTRACT: The author decided to write this article because of her questions about the story Alice in Wonderland. Lewis Carroll, when presenting Alice's oneiric world, invites the reader to enter in her intimacy, and in this way, he can dive in the dream of this brave, curious and determined girl. With the studies of the psychoanalytic theories, the author had the opportunity of analyzing this book under the freudian theory. Freud, with his work *The Interpretation of Dreams*, is able to proof the existence of the unconsciousness. Everything that is lived, experienced, affects the subject psychically, being in constant construction. Awake, the subjects use their ego and superego to realize their daily functions. Sleeping, they dream to release their id, relieving their pressures and giving space to the unconscious. During the analysis of the book, Alice in her oneiric adventures, sees herself lost in a strange world that she makes effort to understand. Through her path she gets stronger, having control of what she wants to do and to say. It is realized a consolidation of her psychic structure when she meets other characters. It is with the meeting of her own unconscious that she becomes brave and decided.

Keywords: literature; Alice in Wonderland; psychoanalysis.

Introdução

[...] o conto de fadas reassegura, dá esperança para o futuro, e oferece a promessa de um final feliz. Por esta

¹ Doutoranda em Língua e Cultura (UFBA), aluna de especialização em Psicanálise Clínica (CEAPP), mestra em Língua e Cultura (UFBA), especialista em Língua Inglesa e Gestão Escolar (UNITAU), licenciada em língua inglesa e portuguesa (UNITAU). Atua nas linhas de linguística aplicada, ensino e aprendizagem de línguas, representações sociais e educação e psicanálise. Contato: teacherflafi@gmail.com

razão, Lewis Carroll chamou-o um "presente de amor" [...] (BETTELHEIM, 2002, p. 26)

Este artigo surgiu das inquietações da autora durante a leitura das diversas versões da clássica história de Alice no País das Maravilhas. Esse conto de fadas instigante, que agrada tanto aos pequenos quanto aos adultos convida o leitor a embarcar em uma viagem surrealista, cheia de personagens enigmáticos, ora divertida, ora angustiante, e para muitos, apaixonante. Alice, ao adormecer na relva e dar cabo às suas fantasias oníricas, convida o leitor a penetrar em sua intimidade, através de seu sonho.

Ao apresentar o mundo imaginário de Alice, essa obra possibilita muitas interpretações, pois ela toca na subjetividade do leitor. O autor convida-o a entrar no mais íntimo de Alice, e assim ele consegue mergulhar no sonho dessa menina curiosa, valente e determinada, sonhando e interpretando cada passo dela de acordo com suas próprias vivências. A riqueza da obra se consolida pelas características infantis de Alice, pois

As crianças não se angustiam tanto com a experiência do desconhecimento e de ter pouco controle sobre as escolhas, pois essa é sua vida. (CORSO; CORSO, 2011, p. 282)

Com o aprofundamento das bases psicanalíticas por parte da autora, surgiu a oportunidade de analisar essa obra à luz da teoria freudiana. Esse enlace entre literatura e psicanálise não é novidade, e essa teoria contribui muito para o enriquecimento das interpretações e análises de obras de arte.

O texto escolhido para a análise é a versão original traduzida para o português. (CARROLL, 2015) O trabalho está dividido da seguinte maneira: a primeira seção explica sobre o autor e como surgiu Alice no País das Maravilhas. A segunda seção apresenta a primeira e segunda tópicas desenvolvidas por Freud, importante para a compreensão da análise de dados. A terceira descreve os sonhos segundo a psicanálise e a última seção mostra a análise do texto de Lewis Carroll a partir da interpretação dos sonhos desenvolvida por Freud.

A obra literária

Alice no País das Maravilhas foi escrito por Lewis Carroll em 1865. Charles Lutwidge Dodgson nasceu em 1832 em Darsbury, Cheshire, na Inglaterra. Graduou-se em matemática e logo em seguida começou a lecionar na faculdade. Era considerado um matemático brilhante pelos colegas, adorava enigmas, lógica e jogos, escrevia panfletos políticos, ensaios, poemas, todos com o pseudônimo de Lewis Carroll. Era um fotógrafo muito talentoso, especializado em retratos de adultos e crianças.

Lewis adorava relacionar-se com crianças, e tinha muito contato com os filhos de seus amigos de trabalho. Sempre foi fascinado pelo universo infantil. Teve um relacionamento muito próximo com as filhas de seu amigo Henry Liddell. Com elas, Lorina, Edith e Alice, jogava críquete, fazia espetáculos de marionete, passeava a cavalo e criava histórias para diverti-las. A história de Alice no País das Maravilhas surgiu durante um passeio de barco pelo rio Tâmsa com as meninas. Ao pararem para um piquenique na margem do rio, foram pegos de surpresa por uma tempestade e tiveram que se abrigar. Enquanto a chuva não passava, Lewis criou esse maravilhoso conto de fadas, desenvolvendo o enredo com algumas histórias já inventadas para as meninas anteriormente. A introdução da obra apresenta o poema em que o autor narra esse acontecimento:

Juntos na dourada tarde
Deslizávamos recostados,
E nossos remos, com pouca habilidade,
Eram por bracinhos manejados,
Enquanto mãozinhas fingiam tão somente
Ter nosso barquinho guiado.
[...]
Assim o País das Maravilhas foi criado:
Assim, conto a conto, lentamente,
Com cada evento curioso elaborado [...] (CARROLL, 2015)

Conhecendo um pouco a vida de Lewis, é possível compreender de onde ele teve sua inspiração. Ele sabia as situações pelas quais todas as crianças passam convivendo com os adultos. (CARROLL, 2015)

A história começa com Alice e sua irmã mais velha em um campo verde. Elas tecem um diálogo e depois Alice acaba adormecendo na relva. Entra em cena um Coelho Branco que aparece correndo e que Alice, por curiosidade, persegue-o até cair em uma toca. Ela chega então, no País das Maravilhas, isto é, lugar dos sonhos, onde tudo pode acontecer. O enredo é todo elaborado durante o sonho de Alice. Corso; Corso (2011, p.

288) explicam que a simpatia dessa obra por pessoas de todas as idades ocorre justamente por isso:

As aventuras de Alice são genuinamente oníricas, o autor soube reproduzir as regras de construção dos sonhos e também por isso nossa empatia com essa história é forte, afinal visitamos a cada noite o mundo mágico dos sonhos. Dependendo da conexão que temos com nosso inconsciente, podemos lembrar mais ou menos deles, mas todo mundo sonha. Nosso cérebro não desliga [...], ele aproveita o repouso para reacomodar as experiências diurnas, equilibrar as tensões e alucinar soluções para as pendências não resolvidas, os desejos insatisfeitos. O resultado são nossos sonhos e pesadelos. (CORSO; CORSO, 2011, p. 288)

Alice começa sua aventura ao deparar-se com uma porta em que não consegue passar. Entre poções mágicas para crescer e encolher, rio de lágrimas, florestas, copas de árvores, jogo de críquete, julgamento e muita coragem, ela encontra vários personagens instigantes. Dentre eles o Coelho Branco, o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março, Dodô, Bill o Lagarto, o Rato, o gato Cheshire, a Lagarta, a Duquesa, a Rainha de Copas, o Rei e o exército de cartas de baralho. Os diálogos entre ela e esses personagens demonstram bem como funciona a convivência entre as crianças e os adultos, pois muitas vezes eles não são ouvidos, ninguém lhes presta atenção. Isso é corroborado por Corso; Corso (2011, p. 282) ao dizerem que:

De um jeito ou outro, os diálogos persistem somente enquanto a menina escuta e obedece, mas se interrompem assim que ela opina, solicita uma informação ou favor. Essa é uma experiência própria da infância que não raro se perpetua ao longo da vida: a maior parte dos nossos interlocutores não está interessada em escutar e ajudar. Todos querem falar, ser ouvidos, mas a triste constatação é que poucos realmente escutam.

Esses personagens mostram muito do gosto de Lewis, dos jogos e das cartas. A Rainha de Copas, o Rei e a Duquesa, o jogo de críquete com os flamingos e os porcos espinhos ilustram as preferências do autor ao dar vida às coisas que lhe agradam. Já o enigmático gato de Cheshire, que aparece e desaparece quando quer, possivelmente foi inspirado pelo nome do condado do autor. O nome pode ter se originado da expressão idiomática inglesa *“grinning like a Cheshire cat”*, ou seja, o gato que ri. Duas teorias tentam explicar a expressão: Cheshire era um condado com muitas fazendas leiteiras, vindo daí a alegria dos gatos que viviam no lugar. Outra teoria vem de um queijo produzido em Cheshire que tinha o formato de um gato e que as pessoas começavam a

comê-lo pelo rabo. Talvez seja por isso que o gato de Cheshire desaparecia a partir do rabo. (CHESHIRE CAT, 2018)

Alice passa por várias experiências, dialogando com os personagens e descobrindo-se em um mundo desgovernado, aliás governado por uma rainha megera e malvada. A cada lugar em que chega, ela tenta compreender as regras e como funciona a convivência entre os personagens. Muitas vezes sem sucesso. Ela divaga, ela não sabe o que quer, ela só quer chegar. Esse deixar-se levar, perambulando pelo País das Maravilhas é o que possibilita que ela tenha tantas aventuras.

A psicanálise e a descoberta do inconsciente

A psicanálise foi criada por Sigismund Scholomo Freud. Ele nasceu em 6 de maio de 1856 em *Freiberg in Mahren*, hoje denominada *Pribor*, pertencente a República Tcheca. A família de Freud era judaica e ele foi o primogênito em uma família de sete irmãos. Aos quatro anos de idade, em 1860, a família se mudou para Viena, onde Freud viveu quase toda sua vida.

Desde pequeno Freud demonstrou grande habilidade intelectual, tendo ganhado um quarto na casa da família somente para que pudesse estudar mais livremente. Era excelente aluno e autodidata. Formou-se médico. (DISCOVERY, 1996)

No início de sua carreira como neurologista, Freud fez um estágio de seis meses em Paris, entre 1885 e 1886, onde teve contato com a hipnose através do médico Charcot. (FREUD, 1886/2009, p. 16) Estes meses foram cruciais para que Freud então, tomasse um rumo diferente em sua carreira. Neste estágio ele aflorou questões advindas da observação de problemas neuropatológicos, e iniciou sua pesquisa sobre a psique humana e o estudo do inconsciente. A partir de então, se dedicou para criar e desenvolver a psicanálise propriamente dita.

A primeira tentativa de Freud para explicar o inconsciente surge com a primeira tópica. Nela, ele divide o aparelho psíquico em consciente, pré-consciente e inconsciente. No consciente estão pensamentos, percepções, raciocínios. No pré-consciente ficam as memórias e desejos, e no inconsciente estão os recalques, pulsões, medos. Como o próprio Freud explica em sua Conferência XIX, através de uma metáfora:

Comparemos, portanto, o sistema do inconsciente a um grande salão de entrada, no qual os impulsos mentais se empurram uns aos outros, como indivíduos separados. Junto a este salão de entrada existe uma segunda sala, menor — uma espécie de sala de recepção — na qual, ademais, a consciência reside. Mas, no limiar entre as duas salas, um guarda desempenha sua função; examina os diversos impulsos mentais, age como censor, e não os admitirá na sala de recepção se eles lhe desagradarem. De pronto, os senhores verão que não faz muita diferença se o guarda impede a entrada de determinado impulso no próprio limiar ou se ele o faz recuar através do limiar, após o impulso ter entrado na sala de recepção. Isto é apenas uma questão de grau de sua vigilância e de quão prontamente efetua sua ação de reconhecimento. Se mantivermos esta imagem, poderemos ampliar ainda mais nossa terminologia. Os impulsos do inconsciente, no salão de entrada do inconsciente, estão fora das vistas do consciente, que está na outra sala; em princípio, devem permanecer inconscientes. Se já se infiltraram até o limiar e foram afastados pelo guarda, então eles são inadmissíveis para a consciência; dizemos que eles são reprimidos. Entretanto, os próprios impulsos que o guarda permitiu que cruzassem o limiar, não são, também, só por causa disso, necessariamente conscientes; podem vir a sê-lo somente se conseguissem chamar a atenção da consciência. Portanto, justifica-se que chamemos a esta segunda sala, de sistema do pré-consciente. Nesse caso, tornar-se consciente mantém seu sentido meramente descritivo. Para qualquer impulso, porém, a vicissitude da repressão consiste em o guarda não lhe permitir passar do sistema do inconsciente para o do pré-consciente. (FREUD, 1925/2009, p. 32)

Esta primeira tentativa de explicar o aparelho psíquico surgiu com a necessidade de se compreender a histeria, uma doença mental muito recorrente no início do século vinte. Destarte, Freud precisou se aprofundar na sua teoria ao se deparar com a repressão e formulou os construtos da segunda tópica: o id, ego e superego.

Ele desenvolveu a estrutura tripartite como forma de compreender a psique humana. Nela, teorizou sobre o id, ego e superego. O id pode ser descrito como a força motriz de onde partem os desejos latentes, as pulsões que movem o ser humano para a sobrevivência, o instinto de realizar seus desejos primitivos. Já o ego pode ser descrito como a parte do aparelho psíquico que filtra e canaliza os desejos e pulsões do id para a realidade do mundo, colocando uma certa adequação para que haja uma realização aceitável dos desejos humanos dentro da sociedade. Por fim, o superego é a parte moral da conduta no indivíduo, funciona como a regulação entre o que o id deseja e o que o ego pode realizar, dando equilíbrio ao aparelho psíquico.

Freud e a interpretação dos sonhos

Aos quarenta anos de idade Freud decide se autoanalisar. Este foi um marco para a psicanálise. Neste processo, ele descobre que os sonhos são a prova de que o inconsciente existe. Durante sua própria análise, que durou quatro anos, Freud escreve A

Interpretação dos Sonhos, que data de 1900. Na verdade, sua obra foi escrita entre os anos de 1895 a 1899, mas ele pediu que a data de publicação fosse a da virada do século, pois tinha grandes expectativas no impacto do livro. Infelizmente, apenas 350 exemplares foram vendidos nos primeiros seis anos. Apesar do descaso com a descoberta, é a obra que comprova a existência do inconsciente, pois até então Freud não conseguia corroborar sua existência. (FREUD, 1900/2009)

Neste livro Freud apresenta as técnicas que desenvolveu para a interpretação de sonhos de vários pacientes e de seus próprios sonhos também. Em especial, o sonho que teve com uma ex-paciente chamada Irma. Sua terapia não estava sendo bem-sucedida, ela abandonou o tratamento e foi para sua casa de campo. Freud se encontra com o médico da família dela, Otto, que diz que Irma não está bem. Ele, ressentido com a sensação de crítica por parte de Otto, tem um sonho com Irma e Otto. Na interpretação deste sonho Freud chega à conclusão de que os sonhos são a realização do desejo, máxima freudiana que explica muito sobre o inconsciente. (FREUD, 1900/2009)

Freud explica que os sonhos representam a parte mais instintiva do ser humano. Como esses desejos mais instintuais não podem aflorar devido às convenções sociais, muitas vezes reprimidos até para o próprio sujeito, eles são levados a cabo através dos sonhos. Os sonhos são necessários para que a psique alivie as tensões provenientes das repressões do superego. Ele afirma isso ao explicar que:

[...] O sono significa um fim da autoridade do eu. Daí o adormecimento trazer consigo certo grau de passividade (...) As imagens que acompanham o sono só podem ocorrer sob a condição de que a autoridade do eu seja reduzida. (FREUD 1900/2009, p. 46)

Os sonhos são considerados uma válvula de escape para essa energia contida na psique humana, pois “[...] sonhar toma o lugar da ação, como o faz muitas vezes em outras situações da vida.” (FREUD, 1900/2009, p. 92) Muitas vezes os sonhos vêm disfarçados, pois o sujeito não suportaria extravasar seus desejos de forma realística. (FREUD, 1900/2009). Por isso Freud assinala que há muitos momentos em que: “[...] o sonho é uma realização (disfarçada) de um desejo (suprimido ou recalcado)” (FREUD, 1900/2009, p. 115)

Freud, ao desenvolver a técnica de interpretação acaba concluindo que, inevitavelmente, o material dos sonhos surge das experiências do sujeito:

Podemos mesmo chegar a dizer que o que quer que os sonhos ofereçam, seu material é retirado da realidade e da vida intelectual que gira em torno dessa realidade... Quaisquer que sejam os estranhos resultados que atinjam, eles nunca podem de fato libertar-se do mundo real; e tanto suas estruturas mais sublimes como também as mais ridículas devem sempre tomar de empréstimo seu material básico, seja do que ocorreu perante nossos olhos no mundo dos sentidos, seja do que já encontrou lugar em algum ponto do curso de nossos pensamentos de vigília - em outras palavras, do que já experimentamos, externa ou internamente. (FREUD 1900/2009, p. 18)

Esse material se origina de quatro possibilidades vivenciadas pelo sujeito em seu cotidiano. Eles podem ser provenientes de excitações sensoriais externas, tais como barulhos, ruídos; excitações sensoriais internas, tais como sensações térmicas no organismo como calor, frio; estímulos somáticos internos, assim como fome, sede e, por fim, fontes de estimulação puramente psíquicas. (FREUD, 1900/2009, p. 26)

Freud expõe muitos exemplos em sua obra, a fim de ilustrar os tipos de sonhos e todo o processo que ele desenvolveu para interpretá-los. Nessa trajetória ele acabou por detectar dois processos que ocorrem no sonho: a condensação e o deslocamento. A condensação une ao mesmo tempo vários pensamentos em um só símbolo, segundo Freud:

[...] a grande desproporção entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho implica que o material psíquico passou por um extenso processo de condensação no curso da formação do sonho. Temos muitas vezes a impressão de que sonhamos muito durante toda a noite e depois nos esquecemos da maior parte do que foi sonhado. (FREUD 1900/2009, p. 189)

Já o deslocamento transfere a emoção de uma ideia para outra, mais suportável em termos de censura, para que o desejo do indivíduo se realize nas fantasias oníricas. Freud explica esse processo da seguinte maneira:

A consequência do deslocamento é que o conteúdo do sonho não mais se assemelha ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que este não apresenta mais do que uma distorção do desejo do sonho que existe no inconsciente. Mas já estamos familiarizados com a distorção do sonho. Descobrimos sua origem na censura que é exercida por uma instância psíquica da mente sobre outra. [...] O deslocamento do sonho é um dos principais métodos pelos quais essa distorção é obtida. [...] Podemos presumir, portanto, que o deslocamento do sonho se dá por influência da mesma censura - ou seja, a censura da defesa endopsíquica. (FREUD 1900/2009, p. 209)

Esses dois processos ocorrem para que a psique consiga produzir seus pensamentos oníricos de uma forma que seja aceitável para o superego do sujeito. No trabalho de Freud, ele acaba por desenvolver um método que o auxilie a interpretar o

sonho. A simples associação de imagens dos sonhos com símbolos interpretativos, que dão respostas como resolução de enigmas não são aceitos por ele, considerados como crenças populares. É necessário conhecer o histórico dos pacientes, todo o contexto em que o sujeito está inserido e suas percepções psíquicas. Nesse ínterim, Freud assinala dois conteúdos no material onírico. Assim, o sonho é chamado de conteúdo manifesto e a interpretação desse sonho é denominada de conteúdo latente. No seu método ele salienta que:

Introduzimos uma nova classe de material psíquico entre o conteúdo manifesto dos sonhos e as conclusões de nossa investigação: a saber, seu conteúdo *latente*, ou (como dizemos) os “pensamentos do sonho”, obtidos por meio de nosso método. É desses pensamentos do sonho, e não do conteúdo manifesto de um sonho, que depreendemos seu sentido. Estamos, portanto, diante de uma nova tarefa que não tinha existência prévia, ou seja, a tarefa de investigar as relações entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, e de desvendar os processos pelos quais estes últimos se transformaram naquele. (FREUD, 1900/2009, p. 187)

Percebe-se a riqueza do trabalho de Freud para provar que existe mais no sujeito do que somente a parte consciente. Tudo o que é vivido, experienciado, afeta o sujeito psiquicamente, estando ele sempre em constante construção. Acordados, os sujeitos usam o ego e o superego para realizar suas funções diárias. Ao dormir, sonha para liberar o id, aliviando as pressões e dando vazão ao inconsciente.

Desvendando o País das Maravilhas

A história começa com Alice reclamando com a irmã de que não gosta de livros sem figuras. Elas estão ao ar livre, em um lugar gramado, e entediada, Alice acaba por adormecer. O primeiro personagem que aparece é o Coelho Branco, olhando o relógio de bolso, correndo, com muita pressa. A curiosidade de Alice é muito grande e ela dispara atrás dele. Cai na toca do Coelho e desce por muito tempo. Nessa descida ela tem tempo para pensar na sua gata Dinah, raciocinar sobre a distância que está percorrendo e pode-se observar seu envolvimento com o universo infantil. Questões escolares emergem, ela pensa na aula de francês, de geografia e matemática. Fica claro que ela ainda criança, não possui pensamento abstrato:

– Sim, essa é mais ou menos a distância certa. Mas me perguntou, qual seria a latitude ou longitude onde vim parar? (Alice não tinha a menor ideia do que era latitude, sequer longitude, mas ela pensou que essas fossem boas e grandes palavras para se dizer). (CARROLL, 2015, p. 13)

Ao chegar no solo, Alice perde de vista o Coelho e encontra várias portas trancadas. Ela vê um lindo jardim através de uma porta minúscula e quer entrar. Começa então sua grande aventura, pois ela não consegue passar, é muito grande. Toma uma poção que a faz diminuir, mas diminui muito, então come um pedaço de bolo que a faz crescer demais. É assim que seu psíquico entra em conflito, pois a sensação de inadequação ao ambiente a angustia. Exatamente como as crianças se sentem no universo dos adultos:

Alice achou aquilo tudo realmente absurdo, mas todos pareciam tão sérios que ela, sem conseguir pensar em nada para dizer, simplesmente fez uma reverência e aceitou o dedal, cerimoniosamente. (CARROLL, 2015, p. 49)

Apesar da liberdade de seus pensamentos oníricos, Alice deixa bem marcada a força que seu superego tem na formação da sua psique. Em vários momentos ela conversa consigo mesma com tom de reprovação:

– Você deveria se envergonhar! – disse Alice – Uma garota desse tamanho (ela podia muito bem dizer isso) chorando dessa forma! Pare com isso agora! (CARROLL, 2015, p. 26)

Quando ela se desespera por estar perdida no País das Maravilhas, ela mesma tenta se animar, mas de forma bem dura. Até mesmo reproduzindo o tipo de fala que provavelmente está acostumada a escutar dos adultos:

Vamos, chorar de nada adianta! – disse Alice para si mesma, severamente – Eu aconselho você a parar com isso neste minuto! – Ela geralmente dava a si mesma conselhos muito bons (embora raramente os seguisse) e, por vezes, se repreendia duramente. Ela recordou que, uma vez, puxou suas orelhas por ter tentado trapacear em um jogo de críquete que ela estava jogando contra si mesma, pois essa criança curiosa gostava muito de fingir ser duas pessoas. “Mas não adianta agora”, pensou a pobre Alice, “fingir ser duas pessoas! Porque quase não há o suficiente de mim para fazer uma pessoa respeitável”. (CARROLL, 2015, p. 22)

Quando Alice entra na casa do Coelho Branco e bebe um líquido mágico que a faz crescer, pensa em voz alta, repreendendo-se:

– Oh, você é uma tola, Alice! – ela respondeu para si mesma. – Como você pode ter aulas aqui? Não há espaço suficiente nem para você, muito menos para os livros! (CARROLL, 2015, p. 62)

Na idade do desenvolvimento em que se encontra, Alice se questiona o tempo todo sobre quem ela é e qual seu tamanho. Às vezes se sente gigante, outras se sente tão pequena que se acha incapaz. Todas as crianças vivenciam essa experiência, pois tentam adequar-se ao mundo adulto conforme vão crescendo. No sonho de Alice, fica bem evidente essa inquietação. Ela desabafa ao visitar a casa do Coelho Branco:

Eu realmente espero que me faça crescer novamente, pois estou bastante cansada de ser essa coisinha pequena! (CARROLL, 2015, p. 59)

E depois de beber o líquido mágico da garrafinha que a faz crescer, quase escapa pela chaminé da casa e pensa:

[...] esquecendo que naquele momento ela era mais ou menos mil vezes maior que o Coelho e não tinha absolutamente nenhum motivo para ter medo dele. (CARROLL, 2015, p. 62)

Ao conseguir se desvencilhar da casa do Coelho, ela tem um encontro intrigante com a Lagarta e pontua sua angústia em relação ao seu tamanho:

– Receio que eu não possa explicar mais claramente – Alice continuou educadamente –, uma vez que não consigo entender a mim mesma, para começo de conversa. E ter tantos tamanhos diferentes em apenas um dia é muito confuso. (CARROLL, 2015, p. 77)

Esses questionamentos sobre seu tamanho trazem à tona a pergunta que ela faz várias vezes durante seu trajeto no País das Maravilhas. Ela quer saber quem ela é. O encontro com a Lagarta, provavelmente seu próprio ego no sonho, a faz refletir sobre isso:

(Lagarta:) – Quem é você? [...] Eu...não sei muito bem, cara senhora, pelo menos neste exato momento... Bem, ao menos eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que devo ter mudado diversas vezes desde então. (CARROLL, 2015, p. 76, 77)

E o diálogo continua com a Lagarta interrogando-a:

– Então você pensa que mudou, não é?

– Receio que sim, senhora. – disse Alice – Não consigo me lembrar das coisas como antes e não fico mais de dez minutos sem mudar de tamanho! (CARROLL, 2015, p. 81)

Freud corrobora a suposição de que o encontro de Alice e a Lagarta seja o encontro dela com seu próprio ego ao afirmar que, em seus próprios sonhos seu ego está sempre presente. O ego se apresenta como outra pessoa ou como mais de um elemento no processo de condensação, em que mais de um pensamento onírico se junta em apenas um material:

Os sonhos são inteiramente egoístas. Sempre que meu próprio ego não aparece no conteúdo do sonho, mas somente alguma pessoa estranha, posso presumir com segurança que meu próprio ego está oculto, por identificação, por trás dessa outra pessoa; posso inserir meu ego no contexto. [...] Há também sonhos em que meu ego aparece juntamente com outras pessoas que, uma vez desfeita a identificação, revelam-se mais uma vez como meu ego. Essas identificações então me possibilitariam pôr em contato com meu ego certas representações cuja aceitação fora proibida pela censura. Assim, meu ego pode ser representado num sonho várias vezes, ora diretamente, ora por meio da identificação com pessoas estranhas. Por meio de várias dessas identificações torna-se possível condensar um volume extraordinário de material do pensamento. (FREUD, 1900/2009, p. 218)

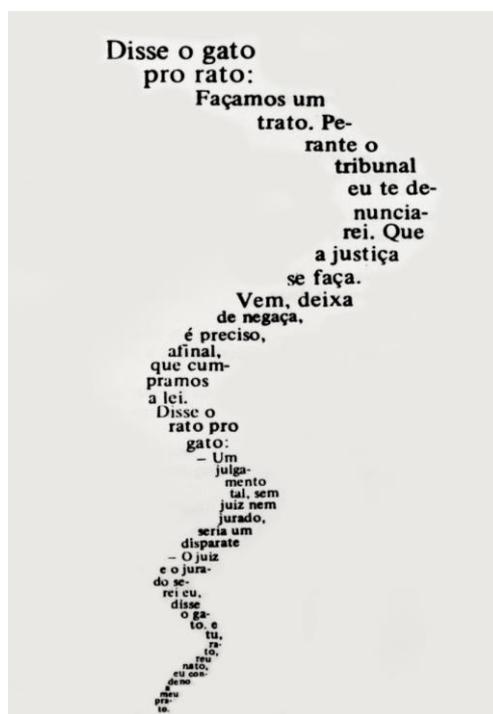
Um outro elemento abordado no sonho de Alice e explicado por Freud é o da condensação da linguagem. Essas brincadeiras são muito comuns na infância e Carroll soube usar esse artifício no conto de fadas para deixar o id de Alice extravasar. Esse jogo linguístico é explicado por Freud abaixo:

As malformações verbais nos sonhos se assemelham muito às que são conhecidas na paranoia [...] Os truques linguísticos feitos pelas crianças, que, às vezes, tratam realmente as palavras como se fossem objetos, e além disso inventam novas línguas e formas sintáticas artificiais, constituem a fonte comum dessas coisas [...] nos sonhos [...]. A análise das formas verbais absurdas que ocorrem nos sonhos é particularmente adequada para exibir as realizações do trabalho do sonho em termos de condensação. (FREUD, 1900/2009, p. 209)

Esse jogo linguístico no sonho de Alice é discutido no diálogo com a Lagarta quando ela menciona que recitou um poema. As coisas não saíram como ela esperava, pois há troca de palavras e eles conversam:

– Você não consegue se lembrar de quê, por exemplo?
– Bem, tentei recitar “E assim a abelhinha”, mas saiu tudo diferente! – Alice respondeu com uma vozinha triste, bastante desanimada. (CARROLL, 2015, p. 81)

Além desse jogo de palavras na declamação de Alice, Carroll também utiliza duas palavras em inglês para construir um poema em que palavras se associam por sonoridade. A palavra *tale* significa conto em inglês e a palavra *tail* significa cauda. Ambas possuem a mesma pronúncia. Quando o Rato conversa com Alice, ele narra em forma de poema um conto (*tale*) sobre a cauda (*tail*). Além disso, esse jogo é apresentado na obra com o poema escrito no formato de cauda, em inglês denominado *tail rhyme*. Uma representação simbólica do material onírico de Alice:



Fonte: CARROLL, 2015, p. 51

Logo no início da obra, ao encontrar o Coelho Branco, Alice já percebe sua preocupação com o tempo. Olhando no relógio e dizendo estar atrasado. Em todos os outros encontros de Alice com ele, é a mesma coisa. Certamente, é a percepção de Alice sobre pessoas assim e que ela transporta para o sonho. Ou talvez, ela mesma esteja se vendo em um processo de deslocamento. Essa angústia com o tempo demonstra uma neurose obsessiva, típica de uma estrutura psíquica em que o superego é muito forte. O próprio Coelho se cobra:

[...] Alice achou estranho ouvir o Coelho dizer a si mesmo: – Oh, céus! Oh, céus! Devo estar muito atrasado! Então, o Coelho tirou um relógio do bolso de seu colete e olhou para ele, se apressando em seguida. (CARROLL, 2015, p. 9)

A neurose do Coelho é apresentada em vários momentos, sempre que Alice o encontra. E ele está sempre ansioso, da maneira como é descrito a seguir:

Era o Coelho Branco, trotando de volta, olhando ansioso por onde passava, como se tivesse perdido alguma coisa. (CARROLL, 2015, p. 56)

O mesmo ocorre quando Alice encontra o Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março. Os dois estão enfeitiçados. Conforme explicam para Alice, a Rainha os prendeu ao tempo, exatamente às cinco da tarde, hora do chá. Então eles passam o tempo todo fazendo o ritual do chá. Mesmo tipo de estrutura psíquica, mas aqui já com uma patologia instalada de neurose obsessiva compulsiva. Percebe-se a importância que o Chapeleiro atribui ao tempo ao dizer que:

[...] Tempo é uma coisa muito preciosa!
– Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu – disse o Chapeleiro – não diria que ele é uma coisa. Ele é uma pessoa. (CARROLL, 2015, p. 123)

Dois encontros são marcantes nesse conto de fadas. O encontro de Alice com a Lagarta e com o Gato Cheshire. Em ambos os casos, ela tem a oportunidade de expressar o que está sentindo no País das Maravilhas, um misto de impotência diante das situações em que se depara:

– Quem é você? (pergunta a Lagarta) [...] Eu...não sei muito bem, cara senhora, pelo menos neste exato momento... Bem, ao menos eu sei quem eu era quando acordei esta manhã, mas acho que devo ter mudado diversas vezes desde então. (CARROLL, 2015, p. 76, 77)

Tanto a Lagarta quanto o gato Cheshire aparecem como o próprio ego de Alice no sonho. Os dois personagens são possivelmente condensações, para que ela consiga dialogar consigo mesma. É a chance que ela tem para refletir sobre quem ela é, o que quer:

– Você poderia me indicar, por gentileza, qual caminho devo tomar para sair daqui?
– Depende para onde você quer ir – disse o Gato.
– Não me importa muito para onde estou indo... – disse Alice.
– Então não importa o caminho que você tome – respondeu o Gato.
– ...Contanto que eu chegue em algum lugar... – acrescentou Alice, tentando se explicar.
– Ah, então é certo que você vai chegar lá – falou o Gato – se continuar caminhando o bastante. (CARROLL, 2015, p. 109)

Ao longo da história Alice vai se fortalecendo, posicionando-se em relação ao que quer fazer e dizer. Ela também aprende a controlar os momentos em que quer ficar grande ou pequena, de forma a se adequar aos espaços no País das Maravilhas. Percebe-se uma consolidação de sua estrutura psíquica ao se deparar com os outros personagens. É no encontro com o outro (seu inconsciente) que ela se torna decidida e valente.

Já a Rainha apresenta-se como o superego de Alice. Esbravejando o tempo todo para cortar a cabeça de todos, causa-lhe espanto. No entanto, no último capítulo, em que há um julgamento, Alice já decidida, enfrenta seu superego, tomando as rédeas da situação: “– Pois bem, não vou sair de jeito nenhum! – afirmou Alice – Além do mais, essa regra não existe, você acaba de inventá-la.” (CARROLL, 2015, p. 213) Alice se descobre como uma menina valente ao gritar no tribunal, afirmando que os personagens são apenas cartas de baralho. Ela, enfim, consegue apaziguar seu superego e fortalecer seu ego. E então, acorda.

Várias interpretações são possíveis sobre essa bela obra. Não há como analisar o próprio autor, pois isso só poderia acontecer se ele estivesse em terapia. As razões pelas quais Lewis Carroll fez as escolhas em sua narrativa sempre serão um mistério. No entanto, a criação desse sonho foi muito bem estruturada, com materiais oníricos que realmente existem. Por isso mesmo, uma história que encanta. Impossível conhecer o sonho latente de Alice, mas o sonho manifesto seduz a crianças e adultos. No seu sonho de criança, ingênuo e que mostra a visão infantil do universo adulto, há sem dúvida a máxima freudiana:

Os sonhos das crianças pequenas são frequentemente pura realização de desejos e são, nesse caso, muito desinteressantes se comparados com os sonhos dos adultos. Não levantam problemas para serem solucionados, mas, por outro lado, são de inestimável importância para provar que, em sua natureza essencial, os sonhos representam realizações de desejos. (FREUD, 1900/2009, p. 94, 95)

A intenção deste artigo não é esgotar as possibilidades de interpretação de Alice no País das Maravilhas. Pelo contrário, é incentivar o leitor a refletir sobre a obra, fazer uma releitura com novas interpretações. Essa é a verdadeira riqueza ao desvendar Alice.

Referências

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS. **Grandes Livros da Discovery.** VINK, E. (produtor); SUTHERLAND, D. (narrador), SWALES, P. (historiador). 1996. 51 min. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vQxEk9-Sz-A&t=585s>> Acesso em maio 2017.

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Tradução de Arlene Caetano 16a Edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

CARROLL, L. **Alice no País das Maravilhas.** Tradução: Izabela Koenig. São Paulo: Edições Usborne, 2015.

CHESHIRE CAT. **Wikipedia.** Disponível em <https://en.wikipedia.org/wiki/Cheshire_Cat> Acesso em jun 2018.

CORSO, M.; CORSO L. D. **A Psicanálise na Terra do Nunca: Ensaio sobre a Fantasia.** Porto Alegre: Penso, 2011.

FREUD, A. **O Ego e os Mecanismos de Defesa.** Rio de Janeiro: BUP, 1968.

FREUD, S. (1900) **A Interpretação dos Sonhos.** Vol IV. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

FREUD, S. (1900-1901) **A Interpretação dos Sonhos.** Vol V. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

FREUD, S. (1925-1925) **Além do Princípio do Prazer.** Vol XVIII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

FREUD, S. (1915-1916) **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise.** Vol XV. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

FREUD, S. (1886-1889) **Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos.** Vol I. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

FREUD, S. (1901-1905) **Um caso de histeria. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade e outros Trabalhos.** Vol VII. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2009.

Recebido em: 19/06/2018
Aprovado em: 04/07/2018